

**“PRECARIEDADE INCLUSIVA”: ANÁLISE CRÍTICA DO PERFIL
PROFISSIONAL/SOCIAL DOS JOVENS INSCRITOS NA AGÊNCIA DO
TRABALHADOR EM PARANAÍ – PR.**

Hugo Ubaldo de Souza¹.

Coautor: Wesley da Silva Bandeira.

Orientador: Renan Araújo.

Resumo:

Em nossa pesquisa pretendemos analisar o perfil da força de trabalho jovem/adulta inscrita na agência do trabalhador de Paranaíba-PR. Nosso estudo procura relacionar o grau de escolaridade, qualificações profissionais e as ocupações (empregos) disponibilizadas pela agência, ao modo de vida peculiar às formas de reprodução social em regiões que não se constituem como sendo o epicentro do processo de valorização/acumulação do capital, mas que estando integradas ao seu sistema socio-metabólico reproduzem cotidianamente formas específicas de sociabilidade. Neste caso, é de nosso interesse apreender a constituição da identidade do segmento juvenil/assalariado encontrado numa região onde predomina a economia agrícola relacionando sua especificidade identitária ao processo de estranhamento social local/universal/local.

Palavras – chave: Trabalho, Sociabilidade, precariedade, juventude, noroeste do PR.

Introdução:

Em nossa contemporaneidade é clara a difusão/disseminação de discursos a cerca de léxicos que corroboram para a solidificação da sociedade flexível ao qual nos encontramos, um destes, muito empregado é a palavra “empregabilidade”. Ramon de Oliveira expõe no livro “*Dicionário da educação profissional em Saúde* (2008)” definições acerca desta palavra com tanto “sentido” em nossos dias:

“No sentido mais comum, ‘empregabilidade’ tem sido compreendida como capacidade do indivíduo manter-se ou reinserir-se no mercado de trabalho, denotando a necessidade de o mesmo agrupar um conjunto de ingredientes que o torne capaz de competir com todos aqueles que disputam e lutam por

1 - Instituição: Unespar – Campus de Paranaíba – PR. Aluno do programa de Pós-graduação em Ciências Humanas (CEICH). e-mail: hugoubaldos@hotmail.com ; Fone: (44) 3045-3541.

um emprego. Não por acaso surge, nesse mesmo período, a década de 1990, a ênfase pelo requerimento de trabalhadores polivalentes, expressando, na visão empresarial, a possibilidade de os indivíduos ajustarem-se ao conjunto de modificações no setor produtivo e no setor de serviços. ” (OLIVEIRA, 2008, pág. 198).

O autor é de grande valia para entendermos os conceitos e significados ao redor do léxico *empregabilidade*, tudo o que ele permeia e suas contradições imanentes, todo um envolvimento na finalidade de movimentar disponibilidades dos trabalhadores para a solução das novas contradições imanentes no eterno processo de (re)produção do capitalismo.

Se nos dias atuais o indivíduo é levado através do discurso da empregabilidade a se “reinsserir-se” ou “manter-se no serviço”, também é de nosso conhecimento que isto se torna cada vez mais difícil de colocar em prática devido ao avanço das novas tecnologias que tem como principal papel enxugar postos de trabalho (aqui abordado na forma alienada em que se encontra na sociedade capitalista), movimento abordado por Ricardo Antunes em seu livro, “*Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* (1997)”, onde o autor coloca:

[...] vivencia-se também uma *subproletarização* intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado”, que marca a *sociedade dual* no capitalismo avançado [...] (ANTUNES, 1997, pág. 41).

Diante das novas contradições latentes apontadas por Antunes em seu livro é de extrema importância levantarmos questionamentos perante as novas formas de coerção/consentimento aplicadas em nossa sociedade, assim como a já supracitada *empregabilidade*.

Um dos principais alvos dos discursos dispersos pelo capital flexível em nossa sociedade é o segmento jovem, pois se torna de fundamental importância para o novo capitalismo ter indivíduos que estejam comprometidos com (re)produção das bases sociais. Desta forma levantar discussões voltadas ao tema, tendo como principal motivo trazer a baila consequências deste processo de coerção/consentimento tendo como principal alvo os jovens que estão ingressando no campo de trabalho (peça fundamental no processo de reestruturação produtiva) se torna de grande valia.

Tendo em vista que “O trabalho nos dias atuais, é visivelmente valorizado, não só pelo retorno financeiro, mas o valor moral que ele assume em nossa cultura [...] (RIZZO&CHAMON, 2010)” nos deparamos em questionamentos que são de extrema importância, como se sentem os jovens que estão excluídos inicialmente do sistema de

reprodução social (algo que é normal em nossos dias, visto os grandes níveis de desemprego), o trabalho? Qual é o nível de formação destes?

Rizzo e Chamon em seu texto, “*O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador* (2010)”. Abordam o mundo jovem com relação ao trabalho, suas idéias sobre o tema, seus desejos e acima de tudo o sentido que o trabalho/emprego toma na vida destes:

“Outra consequência importante do trabalho, destacada pelo adolescente, refere-se a sua contribuição para a afetividade e a autoestima. Ele passa a ser mais respeitado, a ser visto e a se sentir como um adulto nos três ambientes principais que ele convive: em casa, no trabalho e na escola. Em casa, os pais ouvem mais sua opinião, que antes era apenas a opinião de uma criança agora é a de alguém que trabalha; no trabalho, ele se sente com responsabilidades importantes para a empresa; e na escola, mesmo quando ele chega atrasado, ainda assim é mais compreendido do que antes, pois ‘ele chegou atrasado porque estava trabalhando [...]’ (RIZZO&CHAMON, 2010, pág. 415)

Os autores nos mostram o caráter ímpar que o trabalho/emprego (sua aquisição) tem para o jovem em nossa sociedade, um papel de “socializador”, ou seja, tornar o jovem um “adulto”, com responsabilidades e protetor de sua própria existência, ou seja, uma condição (se tornar adulto) é reduzida a um mero fator econômico, adquirir um emprego.

Sabemos que isso não se concretiza na realidade, pois é cada vez maior o número de jovens excluídos do processo de absorção social pelo trabalho/emprego. Sem contarmos ainda aqueles que são colocados no “campo de trabalho” com a única e exclusiva finalidade de acrescentar à renda familiar, aceitando assim qualquer tipo de emprego sendo ele bom ou ruim, se preparado ou não para tal exercício.

Viviane Forrester em seu livro, “*O Horror econômico* (1997)”, aborda as novas práticas usadas pelo capital para a coerção dos trabalhadores na sociedade capitalista, inclusive daqueles que se encontram na mercê do sistema produtivo, os desempregados (uma das características de nosso objeto de estudo):

Não é o desemprego que é nefasto, mais o sofrimento que ele gera e que para muitos provem de sua inadequação aquilo que o define, aquilo que o termo “desemprego” projeta [...] Pois não há nada que enfraqueça nem que paralise mais que a vergonha. Ela altera na raiz, deixa sem meios, permite em toda espécie de influencia, transformar em vítimas aqueles que sofrem, daí o interesse do poder em recorrer a ela e a impô-la [...] A vergonha deveria ter cotação na Bolsa: ela é um elemento importante do lucro. (FORRESTER, 1997, pág. 10-12).

A autora aborda de forma esplendida o sentimento do desemprego em nossa sociedade, o fardo de se encontrar na “inutilidade” social, segundo os discursos burgueses. De certa forma a condição de “desempregado” em nosso contexto atual se volta contra aquele que

mais necessita de apoio neste momento, o que mais sofre, pois o indivíduo se vê em um contexto de má adaptação à sociedade, ele não “venceu” a corrida pelo sucesso, se encontra como um “fracassado”.

Diante destes fatores nossa pesquisa tem a finalidade de levantar discussões acerca do perfil dos jovens que esperam uma vaga de trabalho inscritos na agência do trabalhador de Paranaíba-PR, com o intuito de traçar um perfil destes jovens trabalhadores, tendo em vista que possivelmente a grande maioria esteja recém saída do Ensino médio (local onde se *aprende a aprender*) e “pronto” para o mercado de trabalho, englobando, escolaridade, formação técnica e os demais requisitos ditos “necessários” pelos novos discursos administrativos para a aquisição de um emprego.

Levaremos em conta a cidade de Paranaíba – PR que também é alvo de nossa pesquisa, levantando e traçando o perfil de mão-de-obra dos jovens locais e fazendo assim a devida associação com a condição que o município lhes oferece para sua formação como “trabalhadores” e principalmente como seres sociais, agentes históricos.

Desta forma a pesquisa proposta tem como objetivo fazer valer uma análise histórico – crítica dos termos já dados como consolidados pelos discursos vigentes de nossa sociedade atual, que se encontra dotada de *valores-fetichizantes*, fazendo assim um debate acerca do processo eterno de (re)estruturação capitalista perante daquilo que segundo Karl Marx *humaniza/hominiza* os homens, o trabalho e todo seu contexto cotidiano.

Justificativa

A pesquisa agora apresentada se justifica na medida em que presenciamos o anúncio de uma relevante discussão a cerca do desemprego em nossa contemporaneidade, nas suas mais diferentes formas, como abordou Antunes (1997), levando em conta assim os males que essa condição social traz aos indivíduos acometidos por ela, é necessária uma análise destas contradições, principalmente acerca daqueles que têm uma vida toda pela frente e às vezes se deparam com tal problema (desemprego), os jovens.

Desse modo parece razoável compreender o atual momento que presenciamos, levando em conta principalmente as novas formas de absorção do saber social dos indivíduos, o trabalho, através dos discursos de “empregabilidade”, “formação continuada”, “risco”, enfim, todos os léxicos que envolvem a reprodução do capitalismo através da absorção e apropriação do saber histórico, social e humano, o trabalho.

Desta forma se mostra urgente avaliar e traçar o perfil do jovem trabalhador da cidade de Paranavaí – PR, tendo em vista a possibilidade de investigar através destas características, análises sobre uma cidade, e porque não, região (noroeste do Paraná), onde a população se encontra em um processo de estagnação em pleno avanço brasileiro no século XXI.

Em tudo que foi exposto até aqui, cabe assinalar que uma investigação das hipóteses acima citadas, deve considerar a totalidade das relações sociais, sua sintonia como o mundo globalizado e suas contradições.

Objetivos

Nosso principal objetivo é investigar o perfil dos jovens que se encontram em posição de desemprego na cidade de Paranavaí, mais especificamente inseridos na lista de espera da agência do trabalhador desta cidade, e posteriormente relacionar as possíveis problemáticas geradas por essa condição.

Analisaremos as novas tendências sobre o discurso e torno da *empregabilidade*, vinculando as novas exigências de um modelo de trabalho/emprego voltado para uma concepção instrumental e flexível. Dessa forma, em nosso foco analítico adotaremos uma perspectiva multidisciplinar, razão pela qual, o desenvolvimento da pesquisa exigirá o estudo de uma ampla literatura no campo da História, da sociologia, educação e do trabalho.

Com base nesses estudos, interessa-nos relacionar os múltiplos significados do processo atual de (re)estruturação do capital flexível, seus léxicos, formas de coerção/consentimento dos trabalhadores, e, os reflexos desses discursos no processo de formação dos jovens em nossa sociedade, partindo de uma visão local, e acima de tudo levando em conta o processo globalização/mundialização atual.

Objetivos específicos

a) Verificar a qualificação dos jovens na lista de espera da agência do trabalhador de Paranavaí entre o período de 2000 – 2012.

b) Investigar as formas de estranhamento inerentes ao fator social do *desemprego* na vida dos jovens, tendo em vista o valor moral que o trabalho/emprego recebe em nossa contemporaneidade.

c) Investigar quais são as principais preocupações em relação a sua inserção no campo de trabalho e consecutivamente em nossa sociedade na vida adulta.

d) Investigar quais são as políticas municipais (nacionais, estaduais) para a absorção destes jovens no campo de trabalho, se o próprio órgão de nossa análise (agência do trabalhador) disponibiliza meios para esta absorção, como? Cursos profissionalizantes e etc.

e) Analisar por quais meios as novas tendências flexíveis tem tomado força, e cada vez mais entrado no cotidiano dos indivíduos em nossa sociedade, assim como também os léxicos justificadores destas tendências, como, por exemplo, “*empregabilidade*”.

f) Investigar os impactos gerados pela acirrada competitividade no mercado de trabalho formal e se as expectativas, incertezas, angústias, e sofrimentos, decorrentes desse processo de desemprego solapam virtudes fundadas em valores morais como solidariedade, companheirismo. Hombridade e etc.

Metodologia

O desenvolvimento de nossa pesquisa requer a elaboração de uma metodologia de investigação social, que apoiada em informações de natureza *quantitativa* e *qualitativa*, possibilite o cumprimento dos nossos objetivos gerais e específicos. A coleta dos dados empíricos será realizada junto à entidade agência do trabalhador de Paranavaí – PR, no que diz respeito ao levantamento do perfil jovem. Para o levantamento dos dados relacionados ao município de Paranavaí a coleta se dará junto ao Instituto IPARDES. Ou seja, nosso desafio metodológico consiste em articular diferentes técnicas de investigação indispensáveis tanto na fase da coleta de dados *quantitativos* e *qualitativos*, como de sua análise através da leitura teórica e quiçá de coleta de depoimentos através de técnicas da historia oral como metodologia de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R.B. O modo de vida “just-in-time” do novo perfil metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC: antigos dilemas, novas contradições e possibilidades. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** Ed.: Cortez. São Paulo, 1995.

FORRESTER, V. **O horror econômico.** Ed.: Editora da universidade Paulista. São Paulo, 1997.

FRIGOTTO, G. (org) **Educação e crise do trabalho: perspectivas do final do século.** Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** Ed.: Loyola, 15(ed). São Paulo, 2006.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Ed.: Paz e Terra, 3 (ed). Rio de Janeiro, 1989.

LA MENDOLA, Salvatore, **O sentido do risco**. Tempo social. V.17, n. 2. São Paulo nov. 2005.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo, Boi Tempo, 2005.

OIVEIRA, R. de A. **A (des)qualificação da educação Profissional Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Isabel Brasil. **Dicionário da educação profissional em saúde** / Isabel Brasil Pereira e Julio César França Lima. – 2.ed. rev.ampl. – Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 478 p.

RAMOS, Marise. **Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde**. Marise Ramos. – Rio de Janeiro(dois pontos) EPSJV, UFRJ 2010. 290 p.

RIZZO, C. B. da Silva / CHAMON, E. M. Q. de Oliveira. **O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador**. Trab. Educ. e Saúde, Rio de Janeiro, v.8 n.3, p. 407-417, nov.2010/fev. 2011.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Ed.: Record, Rio de Janeiro, 1999.

SIGNORE, Hebe G. **Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade**. Tempo social. V.17, n. 2. São Paulo nov. 2005.

WWW. Ipardes.gov.br.